

**SIBILITZ**

# SIBILITZ

Leonardo Fróes

PREFÁCIO

Reuben da Rocha

ILUSTRAÇÕES

Ricardo Reis



chão da feira

9	Prefácio		
	Se você persistir você enxerga o anjo		
15	O desdobre das bonecas		
21	Um cachorro de água e os sentimentos atômicos		
27	Passamanaragem		
29	O burrinho e seu burro		
33	Koisas da política		
35	Xisnada		
37	Afanasy Nikitin		
43	Arroz de olhos		
47	Ciência sapal		
49	Justificação de deus		
51	Dom Quixote de las Letras		
57	O nãotô-madose		
61	Tiê-sangue		
63	Um amor de jardim		
71	O enjalmado		
75	Peg-ação do Outro		
79	Receita de pedra		
81	Troço		
85	Didática do amor como insuficiência nervosa		
89	Deposição do chefe de uma personalidade		
93	A quinta pata do cão		
101	Momento esquisito		
103	Minha vez é minha vida		
107	Carta perta		
109	Produto levado		
113	Medicina caseira		
119	Passagem para uma paisagem de caras		
121	Foi queimar livros velhos e achou na mala um beija-flor		
125	Loção de anatomia		
127	A lei do encaixe		

***A vida levada a sério  
é o brinquedo dos adultos.***

KARL KRAUSS

# O DESDOBRE DAS BONECAS

Coelhos de colete e relógio já eram perfeitamente normais no universo sedimentar e convencional de Ecila, mas foi uma surpresa para ela (exclamou atônita etc.) notar que a mulherzinha de trança tinha a ver com seu rosto. A irrupção indolor da mulherzinha começou para Ecila na orelha esquerda, que ela tinha futucado um momento antes, pensando que era alguma cera o que ali havia coçado. Mas o que saiu desta orelha, como já se sabe, foi a bonequinha de carne, muito bem acabada, que desceu para o joelho de Ecila sem nem levar em conta o perigoso perigo, quando pulou da dita orelha para a curva do ombro, num rompante de cólera, correndo o arriscado risco de se espatifar no colchão.

A queda de bonequinhas em estofos naturais de capim não é forçosamente fatídica, mas Ecila estava muito nervosa e era normal que exagerasse também como os escritores. Em seu atônito rompante de cólera a auditiva aparição nem notou que no joelho igualmente esquerdo de Ecila havia uma perebinha nojenta ainda não cicatrizada de todo. Nisso que ela passou a jato por ali, decidida a abandonar pelo pé aquele corpo do qual tinha brotado, seu minúsculo sapatão de dondoca bateu na casca da ferida e ui que dor. A esse segundo acontecimento Ecila se arrepiou toda que nem uma galinha botando colírio (tomando água), pois eis que do lugar machucado, além de um pingo de sangue, saiu

outra mulher igualzinha, só que muito mais calma que a primeira. Como ocorre em tais circunstâncias, a coisa começou a ficar séria, e Ecila achou que estava virando duas, como os esquizofrênicos natos.

Mas qual não foi seu espanto (de Ecila: o ego se antepunha ainda aos fantoches) quando um estalo (espasmo) dessa vez mais violento e sedante (sedativo e de seda, ou com menos fome) levou-a a perceber que a abertura de um calo, preguiçoso e monótono, já indicava em seu dedo indicador direito a repetição do fenômeno. Esse calo preguiçoso e monótono Ecila tinha feito na escola, de tanto copiar redações. O nascimento de uma terceira mulherzinha esquisita, para quem já tinha duas, não deveria de fato ser um fato (roupa) alarmante assim, mas Ecila ainda não tinha vestido (roupa, fato), quando olhou para o dedo, nem as fantásticas e anteriores aparições contrárias. Ela estava de pijama na cama quando começou tudo isso. Seu maior problema agora — daí o espanto, o estalo, o espasmo e a sedação — era explicar aos analistas, se a convidassem por exemplo para um anfiteatro, que de simples esquizofrênica nata ela passava fisicamente a ser uma maluca tríplice. A do ouvido, a do joelho, a do indicador (e pensou em colocar 3 pontinhos, um para cada qual).

— Só me faltava aparecer agora uma quarta — pensou no intervalo seguinte, vírgula, e como só faltava uma quarta foi esta naturalmente que lhe saiu do nariz, quando Ecila (alise) resolveu tirar (o pau agora) meleca para esquecer este assunto. Depois da auditiva, da joelha, da do dedo e da melequenta, a quinta mulherzinha do dia nasceu no antebraço de Ecila, usando a mancha de uma queimadura charmante para atravessar a epiderme. Da última vez que tinha escrito charmante, numa redação sobre a lágrima, o professor não sei por que lhe deu zero, ac(usando)-a de barbarismo nas pernas e provocação pelos olhos.

Cada mulherzinha de Ecila ia atravessando seu corpo, mas como se ele fosse uma montanha-russa sem nervos, e depois de escalar também o veludo, da colcha que a vovó tinha feito, sentava num cantinho da cama e ficava rindo. À primeira vista todas riam igual, mas à medida que a



observação se expandia suas feições peculiares (a trança, o beicinho caído, o olho chinês empapuçado) adquiriam um certo brilho e só ele, como se cada qual resultasse de uma emoção única. A melequenta por exemplo tinha o riso da inveja, enquanto a sexta, nascida nessa quinta-feira às 6 horas — do buraco de um dente — e reduzindo desse modo a distância entre Ecila e o sábado, sorria com uma boca vindoura de esperança babaca. A sétima boneca parida, a mentirosa, já contava com um público considerável — meia dúzia de êmulas (reparem), palavra que até hoje não tinha tido feminino — e foi principalmente por isso que fez questão de nascer com modéstia à parte. A mulher-joelha, erótica e silenciosa, sorria enquanto isso com a linguinha de fora.

Foi aí que apareceu uma aranha carregando na cacunda uma grande estrela-do-mar.

Pelo método da associação compulsória, muito em uso e condenado para a extração de molares, coelhos, quistos, ilusões e conexos, Ecila lembrou então de duas coisas, que poderíamos esquematizar assim:

a.) No sábado ela tinha dentista, e não seria nada fácil comparecer nesse estado; b) Se nenhuma de suas minimulheres parecia verdadeiramente uma aranha ou uma estrela-do-mar, era todavia inegável que todas elas mantinham com algum animal uma similitude. O termo, como também a criação desse esquema, foram propostos pela mulherzinha do dedo, cujo crânio de coruja erudita, bem redondo, dava-lhe a impressão sorridente de estar com uns óculos de tartaruga na cara. A primeira, auditiva e colérica, mantinha em seu cantinho da cama a pose de um gavião machucado. A mulher-joelha parecia uma coelhinha (again), uma salamandra, uma tainha-de-cetim ou uma gata, conforme o momento histórico que a fazia discretamente babar. A mentirosa parecia uma macaca safada, e assim por diante. Puxando o fio das comparações mais a fundo, Ecila conseguiu então ver que sua anatomia rachada — ela própria — era uma jaula verdadeira de pijama xadrez.

Era demais.

Acordar às 6 horas, para escovar os dentes e tomar um mingau, mas ficar em vez disso desovando bonecas, em questão de segundos e com o pente na mão, sem força para pentear o cabelo em face de acontecimentos tão loucos. Devia ser puro engano. Nem os dentistas trabalhavam no sábado nem as aranhas costumavam comer estrelas-do-mar. Mas então para que tudo isso? (dúvida indubitável de Ecila ao botar a testa na mão). Febre não tinha. Mas logo tirou a testa correndo, com medo de esbarrar noutro ponto crítico de onde por simples fricção lhe nascessem novas pessoinhas. Era melhor ficar com sono ou com raiva, ou com dor de dente, já que uma febre eventual não machuca e até faz bem para os olhos. Mesmo assim ela recebeu da aranha uma explicação razoável, quando cheia de coragem ou vazia de medo decidiu-se a encarar a realidade de frente e viu que o claudicante animal ia sumir sob um móvel.

Explicação que a aranha deu a Ecila, antes de desaparecer sob o comodismo da cômoda e decidida a encarar a realidade de banda, posto que a posição frontal lhe soasse heroica demais — heroica e rotineira como as gavetas em cima:

“É claro que eu não como essa estrela, mas carrego-a como uma cruz, apenas por questão de similitude. Ambas somos criaturas raiadas, com a divisão funcional assumida de maneira corpórea. Você também pode ser assim toda patas, toda cheia de pontas, pois Bleuler, o pai da Esquizofrenia (e padrinho de Jung), definiu sua musa odara e mediúnica como um desdobramento ou fissuração das funções psíquicas. Mas não pense que eu vou levar você nas costas, por causa disso. Como eu sou uma aranha, meu único correspondente é uma estrela, mesmo assim uma do mar, e minha, ao mesmo tempo, e mesmo assim ainda me sobra uma pata, que está mancando.”

Antes de Ecila pensar que sua única correspondente seria a Branca de Neve (e as 7 anãs), um surdo rugido ensurdeceu seu suor e o tempo escureceu de repente. Parece que ia acontecer uma coisa. As pessoinhas atritadas e frictivas continuavam trocando sorrisinhos na cama, a

qual porém se converteu numa região meio apática, sem grama, sem coqueiros, sem passarinhos. Ecila, ao contemplar este lugar, quis defini-lo com expressões corriqueiras, mas nem lençol diáfano, nem bolsão lacustre e muito menos pradaria alegórica (tendo em vista a ausência de vegetação) soaram-lhe como expressões adequadas para aludir à resolução das bonecas, da cama, dos problemas, dos seus infintos sentimentos andantes em termos de paisagem imóvel. Tudo bem. Isso também não era nada importante. As risadas camufladas não eram nada importantes, o dentista não era nada importante (seus dentes faziam anos no sábado?) e mesmo da aranha importuna ela acabou se lembrando com um desligamento notável. Começara na verdade por criticá-la em seus modos — “ambas somos criaturas raiadas”, vejam só, e depois vai dormir numa botina velha, como qualquer aranha impregnada de veneno e mistério, — mas logo acedeu a seu lado humano e gozado, sob a cruz, seu bom jeitão de aranha manca com uma pata de sobra e mocassins sugadores. Somos assim, então, e tomamos na esquina a direção do momento. A respeito do lugar espaçoso (cama, coma, desafetação e mina interior de ninguém), a única coisa realmente importante era uma violência banal: ali, pela primeira vez em sua vida, deitada em cercanias lunares, a moça ia virar pelo avesso e se parir como oitava.

Virou — e foi rapidíssimo.

A bonecona uma que nasceu desse parto, verificado normalmente entre as pernas, comeu sem choro as outras todas, empurrando com a mão os pedacinhos mais duros, e depois foi digeri-las na área sob uma frondosa mangueira. Tinha o mesmo tamanho da matriz anulada, 1 metro e 68 por 63 de cintura, e por mera coincidência se chamava Ecila também.

## UM CACHORRO DE ÁGUA E OS SENTIMENTOS ATÔMICOS

Bumba os edifícios caindo paredes inteiras desmontando como fatias de gelatina molenga buracos devorando automóveis e navios começando a voar ao lado de manequins destripados de cabeleira ruiva ruídos abissais fumegando em torno policiais mananciando emanados com os últimos cartuchos da lei e o primeiro laser de combate apresentado aos ministros que também porém inapelavelmente evoluíram com sua sapiência, suas cortes, suas falcatruas medidas e o descompasso doméstico das ninharias grandes aves de sal petrificadas perto de pequenos e preciosísimos relógios que não marcavam mais nada e dos quais saíam parafusos exangues filetes contorcidos de macarrão chamuscado rubis devoradores de ambições arcaicas explodindo bumba as torres da central sindical bumba o carnaval patronal bumba o silêncio angelical dos monges que haviam resistido porém e sobretudo os corredores corroídos da politicagem vaidosa das ratazanas cegas em seus feudos de mola, seus mágicos cabriolés que apontavam para o poder de outrora explodindo também na grande lava geral com os bonequinhos.

Os últimos bombeiros atômicos atônitos com pimpinelas sagazes que tinham vendido todo o espírito de suas pernas bonitas para descentralizar a ilusão até os banheiros e a água, quando ligaram as mangueiras, virando uma gasolina grossa de porra solitária fantástica que ainda botou mais fogo nos buchos com cheques de valores lingotes





## XISNADA

nos intervalos é que está a centelha  
que acende por exemplo entre duas caras se olhando  
num bar ou entre a cara terceira  
que aparece derretidamente no espelho atual  
do langor matinal de eu também estar a intervalos  
como entre o de ter tomado café e puxado um carro  
de pedras, em cujo chio prolongado eu percebo  
essa mesma intuição de intervalo a que aludia  
ao referir-me à hipótese das caras medindo-se  
na simples casualidade de um encontro ou esbarro  
ou mesmo de uma foda onde a compenetração é maior  
e por isso a diluição inevitável e doce  
já que é por esse intervalo do silêncio em comum  
que ambos vazamos pelo olhar de nenhum  
e assim desaparecemos como um lençol.

F926s

Fróes, Leonardo.

Sibilitz / Leonardo Fróes ; ilustrações Ricardo Reis ; prefácio Reuben da Rocha.

Belo Horizonte (MG): Chão da Feira, 2015.

134 p. : il. ; 14,5 x 20 cm

ISBN 978-85-66421-08-8

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Reis, Ricardo. II. Título.

CDD-B869.1

ISBN 978-85-66421-08-8



9 788566 421088

## SIBILITZ

Leonardo Fróes

## PREFÁCIO

Reuben da Rocha

## CAPA E ILUSTRAÇÕES

Ricardo Reis

## PROJETO GRÁFICO

Luísa Rabello

## REVISÃO

Cícero Oliveira

Chão da Feira, Belo Horizonte, 2015

[chaodafeira.com](http://chaodafeira.com)

[chao@chaodafeira.com](mailto:chao@chaodafeira.com)

A primeira edição de *Sibilitz*, ilustrada por gravuras antigas, com capa e diagramação de Maria Luiza Ferguson, foi publicada no Rio de Janeiro, em 1981, pela Editorial Alhambra, de Joaquim Campelo Marques.